

Vitória e desafio

(Não Assinado)

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), levantamento anual das condições de vida no país realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é, com certeza, a melhor fotografia, ou a que mais interessa, do que se passa no país. E um retrato que, felizmente, está indicando avanços consistentes, principalmente no que diz respeito à distribuição da renda. Por exemplo, os números há pouco exibidos apontam redução da desigualdade, melhoria no mercado de trabalho e elevação da renda, com destaque para a parcela mais pobre da população. Os brasileiros que estavam abaixo da linha de pobreza representavam, na pesquisa anterior, 18,26% do total da população e agora são 16,02%. Em cinco anos, período que coincide com o ciclo de prosperidade da economia mundial, a redução foi de 28,05% para os já mencionados 16,02%, significando dizer que 19,3% de brasileiros passaram a ter renda suficiente para se alimentarem de maneira adequada. Foi um salto expressivo. Como bem lembrou o chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o bolo das riquezas nacionais cresceu para todos, mas teve mais fermento para os mais pobres.

Os dados compilados e agora revelados foram coletados há um ano, referentes portanto ao período setembro de 2007 a setembro de 2008, coincidindo portanto com o início da crise econômica global. Crise que, neste exato momento, dá claros sinais de arrefecimento, fazendo supor que foi menos impactante e menos duradoura do que se previa. Em especial para o Brasil que, conforme já foi anotado neste mesmo espaço, figura entre os países menos atingidos e, por outro lado, entre os que mais rapidamente estão apresentando sinais de recuperação. Se, em termos macroeconômicos, é possível afirmar que a crise global de alguma forma fortaleceu o Brasil, constata-se, isso também quer dizer que, daqui em diante, manter os bons resultados no campo social demandará esforços redobrados. Ao lado das comemorações que o momento sugere, esta é a reflexão que não pode deixar de ser feita.

Principalmente quando o mesmo estudo do IBGE também aponta que menos significativos, bem menos convém assinalar, foram os ganhos na redução da taxa de alfabetização. Um país em que 14,2 milhões de indivíduos com até 15 anos não tiveram acesso à educação formal tem muito com que se preocupar. E não deve deixar de perceber como mais uma de suas contradições o fato de que o saneamento básico só alcança 52,5% da população. São em síntese as duas faces de uma mesma moeda, mostrando avanços mas também mostrando que muito ainda está por ser feito. E tarefa que, se não pode ser levada a cabo durante o ciclo recente de prosperidade mundial, demandará mais esforços agora, num momento econômico mais restritivo. Eis o desafio a aceitar.